

Itzuan Bakony

A Quinta Coluna Judaica na Índia



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Itsvan Bakony

A Quinta Coluna Judaica na Índia



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

A QUINTA COLUNA JUDAICA NA ÍNDIA.....4

INTERVENÇÃO JUDAICA SOBRE ÁSIA E ÁFRICA.....29

A QUINTA COLUNA JUDAICA NA ÍNDIA

Haeem Samuel Kehimker, que foi presidente, no final do século passado, do *Israelite School Committee* de Bombaim, em sua obra intitulada “Esquema da História dos Beni-Israeles e chamado ‘em favor de sua educação’”, afirma que esses judeus da Índia dizem ter chegado a esse país há cerca de dezesseis ou dezoito séculos. Além disso, destaca o fato de que esses hebreus indostânicos também possuem dois círculos: um para os descendentes apenas de judeus e outro círculo para aqueles que provêm de casamentos mistos com gentios, fornecendo também o dado interessante de que os primeiros não se casam com os filhos desses mestizagens, discriminando-os. A esse respeito, esse dirigente judeu indostânico diz textualmente: **“a distinção entre os descendentes reais de Israel e aqueles de mulheres estranhas era rigidamente observada por eles de acordo com as ordenanças de Esdras e Neemias. E não se casavam com estes últimos”**.

Em seu valioso estudo, o presidente do Comitê da Escola Israelita de Bombaim também afirma que esses judeus Beni-Israeles, com base principal nessa cidade, se espalharam por todo o território da Índia ao longo dos séculos, adquirindo, por meio de casamentos mistos com indianos de diferentes castas, um tipo racial que os confunde com a população nativa do país. Ele também fornece dados valiosos sobre como foram transformando seus sobrenomes originais israelitas em outros de aparência indostânica, dando diversos exemplos dessas transformações.

O distinto dirigente israelita também descreve os grandes serviços prestados por esses judeus da Índia ao Império Britânico, ajudando-o na conquista da Índia e a manter ali a dominação inglesa¹. No capítulo seguinte, forneceremos maiores dados a esse respeito.

Como os leitores devem saber, na Índia foi estabelecido pela religião hindu, há milhares de anos, o regime de castas, de maneira que os membros de uma casta não podem casar-se com os de outra, nem com

1 Haeem Samuel Kehimker. “Presidente do Comitê Escolar Israelita”, de Bombaim, Índia. “Um esboço da História dos Bene-Israéles e um apelo por sua educação.” 40 Edição Bombaim, Índia, impressa na “Education Society's Press.” Páginas de 1 a 36.

estrangeiros. Esse sistema, indubitavelmente, dificultou a infiltração dos judeus na sociedade hindu. Mas, segundo Haeem Samuel Kehimker e outros historiadores israelitas dos judeus da Índia, os israelitas que emigraram para esse grande país há dezesseis ou dezoito séculos não apenas penetraram nas distintas regiões dessa enorme nação, como também, por meio de uniões mistas com pessoas de diferentes castas, conseguiram inserir-se no seio dessas regiões e na sociedade indiana baseada nessas castas.

Isso quer dizer que, na Índia, como em outras nações do mundo, os judeus, para infiltrar-se em todos os setores sociais dessas nações, puderam contornar as proibições estabelecidas pelo regime de castas, que teria tornado a sociedade hindu impenetrável à infiltração judaica.

Devemos levar em conta que, utilizando o dinheiro, por meio de suborno, puderam infiltrar-se na nobreza de sangue na Europa, casando belas judias, fingidamente convertidas ao cristianismo, não apenas com barões, condes e duques, mas até com príncipes de sangue, o que lhes permitiu infiltrar-se na nobreza gentil e facilitar sua queda. Além disso, conseguiram, em diversas ocasiões, comprar, com grandes somas de dinheiro ou serviços valiosos, títulos de nobreza de reis cristãos, aumentando assim sua infiltração na casta aristocrática, que em um tempo governou a Europa. Não é, portanto, de se estranhar que tenham alcançado algo equivalente na Índia.

Esclarece, no entanto, Kehimker que os Beni-Israelites —como outras comunidades israelitas do mundo— possuem DOIS CÍRCULOS, ou seja, duas organizações: uma para os judeus de sangue puro, isto é, os descendentes apenas de israelitas, e outra para os descendentes de judeus e de mulheres gentias, de acordo com as ordenanças racistas de Esdras e Neemias contidas no Antigo Testamento da Bíblia. Essa discriminação racial dos judeus de sangue impuro, com mistura de sangue de besta gentia, baseia-se no fato de que, segundo os judeus, o mundo está dividido por ordens do Deus de Israel —contidas na Bíblia e no Talmud— em duas castas: uma constituída pelo povo israelita, que é o povo escolhido por Deus para dominar o mundo e ser proprietário de todas as suas riquezas,

incluindo as pessoas do restante dos homens, e a outra casta constituída por estes últimos, chamados gentios na terminologia israelita, e que foram criados pelo Deus de Israel à semelhança dos animais e dotados de natureza semianimal, exclusivamente para servir ao povo escolhido de Deus.

Por isso, segundo a religião judaica, baseada na interpretação rabínica da Bíblia e no Talmud, o chamado *PLANO DIVINO*, elaborado pelo Deus de Israel em benefício de seu povo escolhido, tem como objetivo básico organizar as coisas neste mundo de modo que o povo israelita domine as nações gentias, se apodere de suas riquezas e escravize seus integrantes, o que será realizado pela nação judaica com a ajuda de Deus, uma vez que se trata apenas da realização do plano deste último, ou seja, do fim para o qual Deus criou o universo e a humanidade. Partindo dessas bases, é lógico que a primogenitura, o privilégio, tenha sido concedido exclusivamente ao povo israelita, isto é, segundo insistem a Bíblia e o Talmud, aos descendentes sanguíneos de Abraão e de Israel, também chamado Jacó, ficando assim excluídos os árabes que descendem de Abraão e Ismael. E que, pelo mesmo motivo, aqueles que descendem apenas em parte de Israel e em parte de bestas gentias são judeus apenas pela metade, e apenas pela metade lhes cabe o privilégio de dominar o mundo. Por isso mesmo, são discriminados, sendo deixados em um *CÍRCULO PERIFÉRICO*, integrado por comunidades israelitas com todo o aparato sinagoga, mas que, onde é possível, são controladas secretamente pelo *CÍRCULO INTERNO* de judeus que pretendem ser de sangue puro. No entanto, é preciso esclarecer que, se em algumas comunidades judaicas da África e da Ásia ainda se seguia, no século passado, fazendo essa discriminação de forma descarada e aceita submissamente pelos judeus mestiços com sangue de besta gentia, a regra geral atualmente é que os israelitas integrados nas comunidades judaicas oficiais, que são as periféricas, conhecem apenas a existência destas, imaginando que sejam as únicas existentes na nação de Israel dispersa por todo o mundo. Isso porque os círculos judaicos de sangue que pretende ser puro são ultrassecretos, e sua existência é ocultada daqueles de sangue manchado, a fim de que estes não se sintam ofendidos pela discriminação e possam rebelar-se contra ela. Os

israelitas de sangue puro, organizados nesses círculos privativos deles, não se casam —como diz Kehimker— com os judeus mestiços.

JUDEUS RICOS DA ÍNDIA DA SEITA DOS BENE-ISRAELES.



Fotografia retirada da JEWISH ENCYCLOPEDIA, obra oficial e monumental do judaísmo. Editada em Nova York e Londres. Edição citada. Volume III. Verbete Bene-Israel. Página 18.

Esses judeus Bene-Israelites da Índia têm infiltrada a burguesia.

No entanto, a existência desse círculo aristocrático dentro do judaísmo e, em alguns países, do círculo ultra-aristocrático dos Cohanim, isto é, dos descendentes dos antigos sacerdotes israelitas, em nada beneficia os gentios, pois os judeus de sangue manchado —meio judeus e meio gentios— também estão integrados de forma totalitária, política, religiosa, de controle “social” etc., nas seitas mundiais da nação de Israel e são, por seu número grandemente majoritário, a força mais perigosa a serviço do Imperialismo Judaico. Além disso, nas comunidades e sinagogas nas quais estão integrados, existe legalmente a igualdade de direitos entre judeus de sangue puro e de sangue mestiço. Não existem, conforme as leis que regem o funcionamento de tais instituições, leis discriminatórias.

A discriminação é feita apenas de forma secreta e clandestina, ao menos no judaísmo ocidental, reunindo-se à parte, em círculos muito secretos, os israelitas que pretendem ser de sangue puro, o que dizem comprovar com árvores genealógicas de suas famílias, que costumam remontar a mil e até a dois mil anos atrás. Esses aristocratas secretos, dentro da organização relativamente democrática do judaísmo oficial, transformam o círculo no qual se integram clandestinamente em um bloco secreto de controle por trás das comunidades judaicas ordinárias, o que lhes permite, em muitos casos, apoderar-se de cargos diretivos-chave nessas comunidades e nas sinagogas ou congregações sinagogais que as compõem. Digo em muitos casos, porque é evidente que há países onde aparentemente não existem judeus que possam comprovar sua sangue puro e, principalmente, onde não há indícios sérios de que tenham sido formados ali por eles esses círculos secretos aristocráticos.

No que diz respeito aos judeus nativos Beni-Israeles da Índia, o mencionado dirigente judeu Haeem Samuel Kehimker afirma que: **“além da indianização de seus sobrenomes, da qual já falamos antes, com o objetivo de retirar da mente dos nativos até o menor vestígio de suspeita sobre sua identidade (judaica), os Bene-Israeles adotaram nomes hindus e os utilizam em seu trato com o povo, usando seus nomes bíblicos apenas por ocasião de seus ritos e cerimônias.”**²

2 Haeem Samuel Kehimker. Obra citada. Página 18.

FAMÍLIA DE JUDEUS DA ÍNDIA DA SEITA DOS BENE-ISRAELES.



Publicada em Nova York e Londres. Edição citada. Volume II. Verbete BENI-ISRAEL. Página 19.

Seu tipo é semelhante ao dos verdadeiros hindus. Pertencem à classe operária. Fotografia retirada da grande obra oficial e monumental do judaísmo intitulada “JEWISH ENCYCLOPEDIA”.

CRIANÇAS JUDIAS EM BOMBAY, ÍNDIA.



Crianças judias da Índia, da classe mais pobre; dali saem líderes operários e camponeses revolucionários, embora às vezes também saiam da burguesia judaica. Fotografia retirada da obra oficial judaica intitulada “Enciclopedia Judaica Castellana”. Tomo adicional intitulado JUDAÍSMO CONTEMPORÂNEO, publicado no México em 1961. Verbete Índia. Colunas 621 e 622.

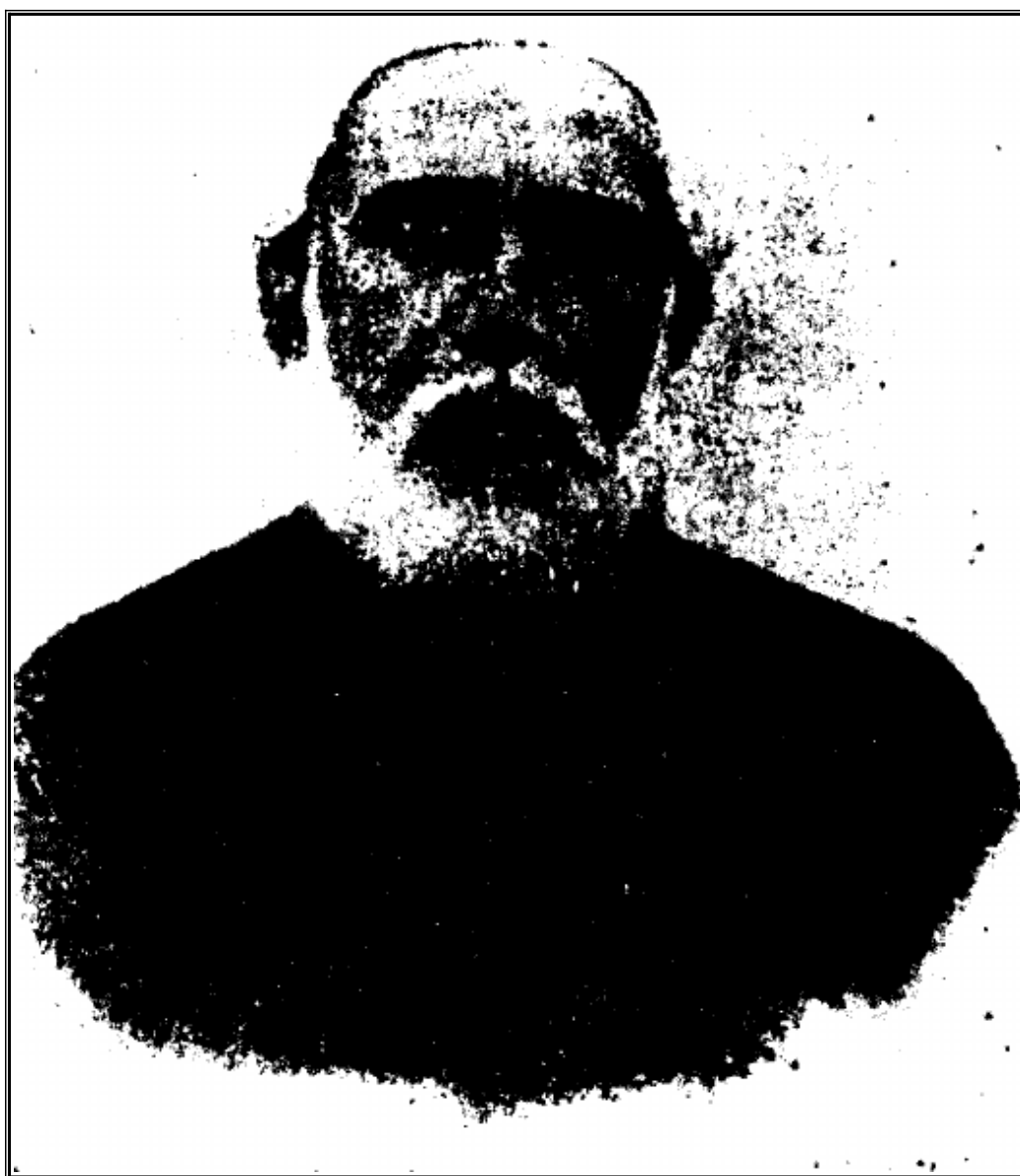
Pelo mesmo motivo, essa seita secreta de judeus Beni-Israeles da Índia realizou, ao longo dos séculos, o mesmo que fizeram as seitas judaicas infiltradas na Cristandade e no Islã: penetração em todos os setores sociais, inclusive os aristocráticos, por meio de casamentos e enlaces mistos. Formação, por esses motivos e talvez também pela influência do clima e da alimentação, de famílias judias que apresentam aparência racial semelhante à da população gentil aborígene, o que leva esta, de maneira enganosa, a acreditar que essas famílias judias clandestinas fazem parte do mesmo povo integrado por essa população aborígene, ignorando esta última que tais famílias judias, apenas em segredo, constituem uma quinta coluna de invasão de uma nação estrangeira, ou seja, a nação de Israel. Isso porque, além disso, possuem nomes e sobrenomes usuais no país, professam a religião ou as religiões gentias predominantes nesse país e adotam as mesmas costumes exteriores praticadas pelo infeliz povo que as tem infiltradas e ao qual pretendem dominar, e que, no dia em que puderem, tentarão escravizar por meio de uma ditadura socialista totalitária, em cumprimento do suposto plano divino aprovado pelo Deus de Israel, segundo os judeus que permanecem religiosos; ou em nome da superioridade racial na qual acreditam fanaticamente os judeus ateus e também os panteístas.

Mas, além da seita secreta dos Beni-Israeles, que está organizada em um rito especial do mesmo nome e espalhada por toda a Índia, tendo sua chefia sediada em Bombaim, existem outras duas seitas, cujos fundadores permaneceram estabelecidos por séculos em Cochín e que atualmente se estendem a outros lugares da Índia. Uma é a seita dos chamados judeus brancos de Cochín e a outra, a dos denominados judeus negros de Cochín.

A seita dos judeus brancos de Cochín possui seu rito especial, e o mesmo ocorre com a dos judeus negros. No entanto, houve sérios problemas entre uma e outra seita devido à discriminação que os judeus brancos exercem contra os judeus negros de Cochín, que também são alvo de discriminação racial por parte dos Beni-Israeles. Tanto as comunidades e congregações dos judeus brancos de Cochín quanto as dos Beni-Israeles têm proibido o casamento de seus membros com os judeus negros de

Cochín, o que prova, mais uma vez, o feroz racismo do Imperialismo Judaico até mesmo entre os próprios israelitas.

JUDEU BENE-ISRAEL DE KARACHI, PAQUISTÃO.



Os judeus clandestinos Bene-Israel não estão espalhados apenas por toda a Índia, mas também pela Caxemira e pelo Paquistão, sendo, nesses países, os mais firmes agentes do Imperialismo Judaico da Índia. Fotografia retirada da Enciclopedia Judaica Castellana. Edição citada. Tomo V. Verbete Índia. Página 611. Coluna 2.

O dirigente judeu Israel Joseph Benjamín II, Chacham de Israel, ao referir-se aos judeus negros de Cochín e à discriminação racial de que são objeto, diz o seguinte: **“Eles são verdadeiros judeus, muito religiosos e bem informados”**. E, acerca de sua origem, afirma que a teoria mais aceitável é a de que descendem de imigrantes israelitas provenientes de Bagdá, Bassorá, Iêmen e outras regiões, e que, tendo chegado solteiros, compraram escravas negras e se casaram com elas, esclarecendo o célebre Chacham que esses israelitas vivem principalmente nos locais da Índia habitados por europeus e que: **“Os judeus negros sofrem os efeitos do preconceito por sua cor. E, assim como a maioria dos judeus de Bagdá evita toda conexão com os Beni-Israeles, da mesma forma agem os judeus brancos, rejeitando toda conexão com seus irmãos negros”**. Em seguida, I. J. Benjamín II cita um dado interessante contido em: **“Ritter’s Erdkunde, vol. 5, livro 2, Ásia, pág. 599”**, no qual se diz: **“Os judeus brancos consideram os negros como uma casta inferior e impura”**, comentando depois: **“Tenho notícias, em geral, de que os outros judeus têm mais simpatia do que os Beni-Israeles por seus correligionários negros, pois se interessam por sua pobreza e mantêm frequentemente grandes transações comerciais com eles. Os judeus negros de Cochín alegram-se quando são reconhecidos como irmãos de fé e são muito hospitaleiros”**³...

3 Israel Joseph Benjamín II. Obra Citada. Edição Citada. Páginas de 183 a 185.

**JUDEU NEGRO DA ÍNDIA DA SEITA DOS 105 JUDEUS NEGROS
DE COCHÍN.**



*Fotografia retirada da JEWISH ENCYCLOPEDIA. Edição citada.
Volume IV. Página 137. Verbete Cochín.*

Nas obras das destacadas autoridades judaicas recém-citadas, que foram elaboradas para consumo interno dos dirigentes judeus, fala-se claramente desse racismo implacável dos hebreus, o qual eles procuram negar nos livros que produzem para o consumo do público gentil. Esse tipo de discriminação entre os de raça considerada mais pura em relação aos de estirpe tida como mais impura, embora em geral se procure torná-lo pouco perceptível para não causar desagrado aos mestiços, em algumas ocasiões, como as já citadas, aflora de forma tão crua quanto indigna, provocando as naturais discórdias entre discriminadores e discriminados. Isso ocorre com tanta frequência no complexíssimo povo israelita que até mesmo suas duas estirpes raciais de procedência europeia, as mais cultas e mais poderosas mundialmente, como são os sefarditas, originários da Espanha, e os asquenazitas, originários principalmente da Europa Central, sobretudo da Alemanha, tiveram sérias dificuldades por esse motivo, já que os primeiros se consideram superiores aos segundos e, com muita frequência, chegaram ao extremo de proibir os casamentos de sefarditas com asquenazitas, com a consequente indignação destes últimos.

No entanto, é um fato comprovado que, apesar desses desentendimentos de família, todos os judeus, de sangue puro ou impuro, unem-se, fanatizados por seu ódio ao restante da Humanidade e por suas ambições de domínio universal, nas lutas pela conquista das demais nações. As enciclopédias oficiais do judaísmo e todos os livros judaicos dados à publicidade e colocados nas Bibliotecas Públicas, por poderem ser lidos por gentios, ocultam sistematicamente os segredos do Imperialismo Judaico, isto é, tudo aquilo que, se conhecido pelos gentios, poderia permitir-lhes descobrir seu inimigo oculto em toda a sua periculosidade. E é natural que os israelitas tomem essas precauções. Quando se trata do número de judeus existentes em cada país, eles sempre o diminuem, às vezes de forma descomunal, para que os leitores gentios acreditem que os judeus radicados em sua nação são uma pequena minoria pacífica, inofensiva e desprovida de perigosidade. Os leitores gentios dessas enciclopédias e livros judaicos dados à publicidade devem evitar deixar-se desorientar por tudo aquilo que está precisamente destinado a tal finalidade.

JUDEUS RICOS DA ÍNDIA



Fotografia retirada da Enciclopedia Judaica Castellana. Edição citada. Tomo III. Verbete Cochín. Página 47. Coluna 2.

Da seita dos JUDEUS BRANCOS DE COCHÍN. São, em geral, comerciantes, industriais e até banqueiros. São originários de Cochín, mas estão dispersos por toda a Índia e em outros países.

**FAMÍLIA DE JUDEUS NEGROS DE COCHÍN, DA ÍNDIA,
À SUA CHEGADA AO AEROPORTO DE LOD, EM ISRAEL;**



Os judeus dessa seita da Índia são, em geral, pescadores, fruteiros, operários, empregados, lenhadores e lagareiros. Fotografia retirada da *Enciclopedia Judaica Castellana*. Tomo adicional intitulado JUDAÍSMO CONTEMPORÂNEO. Edição citada. Verbetes Índia. Colunas 623 e 624.

LORD READING, JUDEU INGLÊS. VICE-REI DA ÍNDIA.



Seu nome judaico foi Rufus Daniel Isaacs. Nasceu em Londres, em 1860. Seu pai era comerciante de frutas. Foi conselheiro da rainha da Inglaterra. Em 1913, foi designado presidente do Tribunal Supremo da Inglaterra. Em 1917, foi-lhe concedido o título de nobreza de Conde. Em 1921, foi nomeado Vice-Rei da Índia. Ao término de cinco anos no exercício desse alto cargo, como prêmio por seus serviços ao Imperialismo Britânico, foi-lhe concedido o título de Marquês de Reading, que é herdado por seus sucessores.

Dados retirados de S. Jackson, “Rufus Isaacs. First Marquis of Reading”. Edição Londres, 1936; C. J. C. Street, “Lord Reading”. Edição 1928.

E da biografia escrita por seu filho, o segundo Marquês de Reading, Gerald Rufus Isaacs. Edição Londres, 1940.

A *Jewish Encyclopedia* e a *Enciclopedia Judaica Castellana*, no pouco que dizem sobre os judeus da Índia, fornecem dados interessantes como os seguintes:

Que os judeus Beni-Israel, cujo número procuram minimizar, estenderam-se a Bengala, Malabar, Birmânia e à colônia britânica de Áden, na Arábia. E que, até épocas relativamente recentes, os Beni-Israel, ou Bene-Israel, como os chama a *Enciclopedia Judaica Castellana*, dedicavam-se ao cultivo da terra e aos ofícios manuais, principalmente ao de lagareiros; que “durante o século XIX, muitos deles se alistaram nas forças armadas da Companhia das Índias Orientais e nas do governo britânico, onde frequentemente ascenderam aos postos mais altos, reservados a militares indígenas. Musayi Israel, oficial judeu condecorado com a Ordem da Índia Britânica, **PROPORCIONOU AO COMANDO INGLÊS A PRIMEIRA INFORMAÇÃO SOBRE A GRANDE SUBLEVAÇÃO DE 1857**”⁴.

De modo que a empresa imperialista britânica chamada “Companhia das Índias Orientais”, controlada pelos judeus britânicos e destinada a explorar economicamente o povo hindu e sua vasta nação, empregou os judeus Beni-Israel em seus próprios exércitos, concedendo-lhes o mais alto posto militar atribuído aos indígenas do país; e o mesmo fez o governo britânico da Índia, que além disso os utilizou como espiões a seu serviço, os quais traíam sua pátria adotiva, a ÍNDIA, em benefício dos conquistadores de Londres, como ocorreu com aquele oficial do exército, Musayi Israel, que denunciou ao comando inglês a conspiração dos patriotas indianos do ano de 1857, cujo objetivo era obter a independência da Índia, libertando-o da dominação britânica. Mas sobre esse assunto tão grave nos estenderemos no capítulo seguinte.

Além dos ofícios antes mencionados, a *Enciclopedia Judaica Castellana* afirma que os Beni-Israel ganham a vida como funcionários do governo (burocratas), juizes, integrantes dos tribunais de justiça,

4 “Jewish Encyclopedia” Edição Nova York e Londres. Funk and Wagnalls Co. 1902. Volume III. Páginas de 17 a 21. Vocábulo Beni-Israel; Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição Citada Tomo II. Vocábulo Bene-Israel. Páginas 148 e 149.

operários, artesãos, empregados do comércio, engenheiros, advogados, professores de escola, comerciantes e, em menor número, industriais.

Diz também que os Beni-Israeles têm pele morena e que, por seu tipo, parecem mais hindus do que semitas. Mas que, no entanto, orgulham-se de ser da mais pura sangue israelita. Embora se abstenham de comer carne de boi, sem dúvida para não provocar reações hostis entre os hindus, que a têm proibida.

A *Jewish Encyclopedia* afirma que alguns nomes próprios usados pelos Beni-Israeles são “modificações hindus da forma hebraica original”. Assim, Ezequiel transformou-se em Hassayi; Benjamim em Benayi; Abraão em Abajee; Samuel em Samajee; Elias em Ellojee; Isaac em Essajee; José em Essoobjee; Davi em Dawoodjee; Jacó em Akhoobjee; Moisés em Moosajee etc. E que os sobrenomes que os Beni-Israeles ostentam publicamente são, em alguns casos, derivações do nome da localidade de origem de seu portador, terminadas em Kar ou Ker, como Kehimker, os originários da localidade chamada Kehim; Penker, os originários de Pen; Divekar, Cheulkar etc. E que os Beni-Israeles também produziram sábios e escritores de destaque, bem como jornalistas⁵.

Os historiadores judeus dos Beni-Israeles —já citados— afirmam que, embora estejam dispersos por todo a Índia, diluídos entre a população da Índia e confundindo-se com ela, têm sua maior densidade populacional em Bombaim, coincidindo com o fato de que é nessa cidade que o partido do Congresso, dirigido por Indira Gandhi, tem mais partidários. Bombaim é a praça-forte dos judeus Beni-Israeles e, ao mesmo tempo, a praça-forte do partido de Nehru, agora dirigido por sua filha. E os judeus Beni-Israeles clandestinos controlam esse partido e o atual exército da Índia, razão pela qual se explica o saque das arcas norte-americanas realizado pelos governos dos judeus clandestinos Harry Salomão Truman e D. David Eisenhower para ajudar Nehru com milhares de milhões de dólares, com o objetivo de sustentar seu regime, que é instrumento dos judeus de Moscou para controlar as nações neutralistas, de forma benéfica para o imperialismo israelita. Tampouco parece mera coincidência que Mohandas

5 Jewish Encyclopedia. Edição Citada. Volume II. Vocábulo Beni-Israel. Pág. 20. E Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição Citada. Tomo II. Vocábulo Bene-Israel. Páginas 150 e 151.

Karamchand Gandhi, o velho líder da independência indostânica, tenha nascido precisamente em Kathiawar, Bombaim.

JUDEUS DE SINGAPURA. SERVIDORES DE UMA SINAGOGA.



*Fotografia retirada da Enciclopedia Judaica Castellana. Edição citada. Tomo V.
Verbetes Índia. Página 610, coluna 1.*

Judeus da Índia emigraram para Singapura, assim como para outros lugares da Ásia e da África. Em Singapura, diluíram-se entre a população malaia. Outros judeus chegaram a Singapura provenientes de Bagdá e da Europa, principalmente da Inglaterra. Os judeus em Singapura foram, como em outros lugares, os mais firmes sustentáculos do imperialismo britânico. Atualmente, querem se apoderar do governo quando Singapura obtiver sua independência; oxalá que os patriotas dessa estratégica ilha consigam impedi-lo.

Além disso, é bem sabido que os judeus que governam na Inglaterra e estão liquidando o Império Britânico não concederam a independência a Índia até que pudessem deixar firmemente no poder o ditador Nehru e o seu Partido do Congresso. Com isso, a Índia apenas passou de colônia inglesa a tornar-se colônia direta do Imperialismo Judaico, que, por sua vez, está transformando-a em um novo imperialismo satélite que pretende anexar a Bengala Muçulmana, isto é, o Paquistão Oriental, ou ao menos convertê-lo em um Estado satélite governado pelos judeus clandestinos que ali habitam, sob a tutela do novo imperialismo judaico de Nova Délhi; fortalecendo, por sua vez, o cerco que o Imperialismo Israelita está armando para estrangular a China maoísta, em benefício principalmente dos judeus soviéticos do Kremlin.

Mas, voltando ao assunto do Partido do Congresso na Índia, é preciso lembrar que, como ocorre com todos os partidos políticos de estrutura democrática fundados pelo poder oculto israelita, para que tais partidos possam exercer grande influência política, os judeus veem-se na necessidade de conceder cargos diretivos neles a líderes gentios de grande influência social e política, os quais utilizam como meros instrumentos. Porém, às vezes acontece que esses líderes gentios, aproveitando-se da estrutura democrática do partido, podem chegar a disputar o domínio do mesmo com o líder ou com a camarilha que o dirige, ainda que sem saber que sejam judeus, por o serem clandestinamente.

Nehru teria levado a Índia a uma ditadura socialista em mãos judaicas, não fosse a oposição tenaz dos líderes gentios do Partido do Congresso, que, após a morte de Nehru, passaram a disputar o controle do

Partido com Indira Gandhi. Esses líderes gentios, muitos deles antigos heróis da independência indiana, descontentes por diversos motivos com a liderança de Gandhi, rebelaram-se contra esse comando, mantendo-se uma luta entre esta última e sua equipe de judeus clandestinos, de um lado, e os dirigentes patriotas gentios indianos do Partido do Congresso, de outro. Do desfecho dessa acirrada disputa dependerá, em grande parte, o destino desse imenso país, que ou alcança sua verdadeira independência, se triunfarem os patriotas e eliminarem Gandhi e sua equipe de judeus clandestinos, ou cai mais firmemente sob o domínio do citado superimperialismo israelita, se triunfar Gandhi e sua máfia judaica.

Caso o judaísmo internacional consiga segregar do Paquistão a sua parte oriental para formar um Estado independente satélite da Índia, os judeus clandestinos bengaleses — quer sob a máscara do Islã, quer sob qualquer outra — terão de disputar o poder ali com os líderes muçulmanos gentios que exercem influência nessa região, e do resultado interno dessa luta dependerá o futuro da Bengala Muçulmana.

A *Jewish Encyclopedia* diz que é tarefa difícil querer determinar a porcentagem de sangue judeu que atualmente corre entre os Beni-Israelites que se vangloriam de ser de sangue puro. Diz, no entanto, que eles se jactam da pureza de seu sangue israelita e depois afirma textualmente: **“Mas, nisso, eles se assemelham aos judeus (nativos) da CHINA, que se fazem passar como tendo conservado a pureza de sua descendência quase até os nossos dias⁶.”** Contudo, outros historiadores israelitas opinam que o tipo chinês dos judeus TIAO-KIU-KIAOU, que não permite distingui-los do restante dos chineses, se deve não apenas à influência do clima e da alimentação ao longo de dois mil anos, mas também aos frequentes casamentos mistos realizados antes de nossos dias.

Falando de outras imigrações de judeus para a Índia, os primeiros judeus europeus chegaram às possessões portuguesas na condição de criptojudeus, ou seja, judeus clandestinos, cristãos apenas na aparência, embora também houvesse alguns que não pretendiam ser cristãos. E a afluência de judeus clandestinos portugueses parece ter sido uma das

6 Jewish Encyclopedia. Edição Citada. Volume II. Vocábulo Beni-Israel. Página 21. Coluna 2.

razões para o estabelecimento da Inquisição em Goa, no ano de 1561. Somente entre 1561 e 1623, a Inquisição de Goa emitiu 3.800 condenações, muitas delas por judaizar, ou seja, por estar aderidos ao judaísmo em segredo. Alguns judeus clandestinos portugueses aderiram à comunidade de COCHIN. Esses judeus portugueses dedicavam-se, entre outras atividades, ao comércio de importação e exportação e também iniciaram a atividade bancária: **“tendo todas as características dos magnatas coloniais, com suas virtudes e seus vícios”**⁷.

A citada *Enciclopedia Judaica Castellana* menciona a emigração de judeus holandeses e ingleses de origem sefardita e suas atividades comerciais. Que os comerciantes judeus, ligados à Companhia das Índias Orientais, cujo capital, como indiquei, era principalmente israelita, conseguiram quebrar o monopólio português das pedras preciosas.

No século XVI, chegaram à Índia judeus provenientes de Bagdá. Dedicaram-se ao comércio e formaram, junto com outros israelitas provenientes de outros países árabes e com os vindos do Afeganistão e da Pérsia, uma comunidade, que é uma das mais importantes comunidades israelitas da Índia. Os de Bagdá transplantaram para a Índia sua língua árabe e contam com famílias muito ricas, que, embora segundo a *Enciclopedia Judaica Castellana* não tenham assumido no governo viceregal britânico papéis tão diretivos quanto os obtidos pelos judeus ingleses, que foram vices-reis da Índia, altos comissários britânicos, altos funcionários do *Indian Office* em Londres etc., desempenharam, no entanto, papéis importantes, como, por exemplo, o do judeu indostânico desse rito árabe chamado Sir Philip Sassoon, que foi membro de vários governos ingleses na Índia, e o advogado da mesma comunidade israelita, chamado Salomón Judah, autor da lei *The Indian Companies Act* (ano 1936).

Terminando esta *Enciclopedia Judía* por confirmar um fato já amplamente conhecido, mas que, escrito por uma obra oficial do judaísmo de indiscutível autoridade, tem ainda maior valor probatório, ou seja, que a fortuna desses ricos judeus provenientes de Bagdá: “Tanto em Calcutá

7 Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição Citada. Volume V. Vocabulo ÍNDIA. Páginas 612 e 613.

como em Rangum, Birmânia, foi feita em parte com o tráfico de ópio entre a Índia e a China”⁸. Na realidade, é bem sabido que os judeus britânicos, os judeus da Índia e outros magnatas monopolistas israelitas controlaram, no século passado, o tráfico de ópio com a China e que, quando o governo chinês, em defesa de seu povo, quis pôr um freio a esse negócio criminoso, os judeus que manejavam o governo britânico fizeram com que este desencadeasse contra a China uma guerra igualmente criminosa, que com justa razão ficou conhecida na história como “a guerra do ópio” e que tanto desprestigiou o povo inglês, embora seja evidente que os verdadeiros ingleses e demais componentes do Reino Unido não têm mais responsabilidade nos atos criminosos de seus governantes do que a de tê-los escolhido e sustentado no poder, devido à lavagem cerebral sistemática de que são objeto tanto o povo britânico quanto o povo dos Estados Unidos por meio da imprensa, rádio e televisão controladas pelo judaísmo, pelas Igrejas Protestantes e Católicas manejadas por clérigos criptojudeus e pelos demais tentáculos do aparato de propaganda unido aos controles secretos que o poder oculto israelita possui dentro dos principais partidos políticos dessas nações, que, infelizmente para o resto da humanidade, se tornaram satélites aparentemente incorregíveis do Imperialismo Judaico e em suas verdadeiras colônias, com pretensões ilusórias de ter uma verdadeira democracia e de serem Estados independentes.

Também existem na Índia imigrações de judeus de outros países, mas, para manter a brevidade deste livro, nos é impossível ampliar nossa informação, registrando apenas que, talvez depois da União Soviética, onde os judeus têm imposta uma ditadura absoluta, e dos Estados Unidos e Inglaterra, convertidos em colônias israelitas, a Índia, entre as grandes nações, é a que possui um domínio judeu mais firme, devido ao controle político, militar e econômico que os judeus dos diferentes ritos exercem sobre o país; pelo que acreditamos que a Índia, também transformada em colônia do Imperialismo Judaico, só poderá talvez recuperar sua verdadeira independência se os patriotas indianos contarem com ajuda adequada do exterior. Já que o governo atual, títere do judaísmo, além da

8 Enciclopédia Judaica Castelhana. Edição Citada. Volume V. Página 615 coluna 1. Vocábulo Índia.

ajuda dos israelitas que governam e tiranizam a União Soviética, sempre contará com o apoio do judaísmo dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

No capítulo seguinte estudaremos como os judeus clandestinos Bene-Israel, a comunidade israelita mais importante da Índia, serviram ao Imperialismo Judaico Britânico como principais instrumentos para subjugar os povos habitantes deste imenso país⁹.

INTERVENÇÃO JUDAICA SOBRE ÁSIA E ÁFRICA

O SUPER IMPERIALISMO JUDAICO UTILIZOU COMO SATÉLITES ALGUNS IMPERIALISMOS EUROPEUS PARA ESTENDER SEU DOMÍNIO SOBRE ÁSIA E ÁFRICA.

Vamos agora tratar de um gravíssimo problema, desconhecido na atualidade, relativo ao papel desempenhado pelos hebreus nas intervenções que as Potências Europeias tiveram nos assuntos internos dos Estados da Ásia e da África, em alguns casos limitando-se a destituir e colocar governos, mas em outros, até a submeter as nações afro-asiáticas ao vasalagem, formando, nos séculos XVII e XIX, seus novos Impérios Coloniais.

Nas obras de fontes israelitas autorizadas que pudemos consultar, aparecem com frequência dados valiosos a esse respeito, que, pelo espaço reduzido deste livro, nos é impossível inserir na íntegra, citando apenas alguns exemplos: no valioso relatório do Chacham Benjamín sobre a Pérsia, ele diz que: **“Meus correligionários na Pérsia me suplicaram repetidamente que publicasse na Europa uma descrição de sua condição atual; prometi fazê-lo, e por isso a exponho amplamente no**

9 **BIBLIOGRAFIA ADICIONAL.** Além das Obras Citadas anteriormente, o leitor pode consultar sobre os judeus na Índia as seguintes obras: M. Pereyra de Paiva. “Notícias dos Judeus de Cochim”41. Edição 1687. Lord Henry. “A display of two forraigne sects in the East Indies” Edição Londres 1630; J.H. Lord. “The Jews of india” Edição 1907. Israel Cohen. “The Journal of a Jewish Traveller” 1925; J.A. Isaac. “A short Account of the Calcuta Jews”. Edição Calcutá 1917; “Viagens de Marco Polo”42. Tomo II; R. Reuber. “The Beni-Israel of Bombay”. Edição Cambridge 1913.

capítulo seguinte". Mas, em seguida, ele nos fornece um dado ainda mais eloquente.

Em relação à sua visita à cidade de Shiraz, o dirigente israelita narra um episódio curioso e instrutivo. Ele observa que, na Pérsia, os muçulmanos, para distinguir as mulheres israelitas das muçulmanas, obrigavam as primeiras a usar um véu negro, enquanto as segundas usavam véu branco; e, depois de relatar que, naqueles dias, havia eclodido uma revolta no Irã, manifesta: **"Um dia, meu quarto se encheu gradualmente de mulheres, todas usando véus brancos, que se apresentaram diante de mim. E como as mulheres judias só têm permissão para usar véus negros, a fim de distingui-las das demais, esta visita me inquietou, pois pensei que minha casa havia sido atacada por insurgentes. No entanto, tranquilizei-me quando me explicaram que todas aquelas mulheres pertenciam a famílias que haviam sido obrigadas a abraçar a fé islâmica, mas que, em segredo, permaneciam fiéis à religião de seus antepassados. Minhas visitantes retiraram o véu e me beijaram na testa e na mão"**. Continua informando o piedoso Chacham, que em seguida os homens que acompanhavam as mulheres se queixaram da situação de opressão que os israelitas sofriam na Pérsia à época, ao que o dirigente judeu respondeu algo de capital importância: "Tende paciência, meus irmãos, e continuem colocando a vossa confiança em Deus. Talvez os monarcas da Europa, sob cuja proteção vossos irmãos (europeus) vivem felizes, possam ser capazes de aliviar vossas desgraças, colocando no trono da Pérsia governantes nobres"¹.

A que monarquias europeias pôde ter-se referido aqui o ativo hierarca judeu, ao assinalar a possibilidade de sua intervenção no Irã, tirando e colocando reis? Alguns fatos indicam que se referiu principalmente à Inglaterra, pelas seguintes razões:

I.— Naqueles tempos, embora os governos das monarquias europeias, segundo confissão do próprio Disraeli e de outras fontes hebraicas, já estivessem minados por ministros judeus ou criptojudeus — como no caso

¹ Israel Joseph Benjamín II. "Oito Anos na Ásia e África de 1846 a 1855"⁴³. Edição Hanover 1861. Páginas de 230 a 256.

de Mendizábal, na Espanha — é indubitável que o único Estado monárquico que, à época, os judeus haviam conquistado completamente era o britânico, do qual se apoderaram a partir da revolução de 1830, apesar da heroica resistência dirigida pelo patriota Duque de Wellington.

II.— Foi a Inglaterra, já convertida em satélite do judaísmo, quem principalmente interveio na Ásia e na África, tirando e colocando governos.

III.— O Chacham, em outra parte de seu tão vasto quanto valioso informe, diz que, ao chegar a uma localidade, a primeira coisa que fazia era ir visitar o cônsul britânico, o que nada tem de estranho, já que, embora os hebreus tivessem, à época, inundado os serviços diplomáticos de outras monarquias europeias, puderam fazê-lo em escala muito maior na diplomacia inglesa, em consideração ao fato de que o Império Britânico, depois de conquistado pelos judeus, havia sido convertido em simples satélite do Imperialismo Judaico.

O mais frequente é que os cônsules e embaixadores ingleses de importância sejam judeus públicos ou clandestinos, que são os que deram à diplomacia britânica essas características de hipocrisia e perversidade, em nada semelhantes às qualidades típicas dos ingleses autênticos, em geral modelos de cavalheirismo. Em contrapartida, nessa diplomacia que mencionamos, percebe-se de forma inconfundível o selo característico da perfídia judaica de que tanto falaram os Padres da Igreja, os Papas e os Concílios. Não é uma mera casualidade que a opinião pública, à vista de sua diplomacia perversa, tenha qualificado a Inglaterra como a “Pérfida Albión”, curiosa coincidência de termos com os empregados pelos Padres, Concílios e Papas ao falar, há muitos séculos, da “Perfidia Judaica”.

Outros casos, embora menos graves, de intervencionismo europeu contra os Estados muçulmanos que resistiam heroicamente às tentativas de dominação judaica, são-nos apresentados pela narração do mencionado Chacham judeu na seguinte informação, ao assinalar que em Aleppo, povoação próxima a Damasco, viviam à época de 1.500 a 2.000 famílias hebreias, **“que gozam de grandes privilégios sob a proteção dos cônsules europeus, alguns dos quais são de sua própria fé, pois Rafael**

di Piechotti, cônsul da Rússia, e Elias Piechotti, cônsul-geral da Áustria, obtiveram certa influência sobre o Paxá, a qual frequentemente utilizam em benefício de seus irmãos”.²

Uma das táticas hebraicas para utilizar, nos países islâmicos, as nações estrangeiras em auxílio dos judeus contra os muçulmanos foi a de infiltrar hebreus nos consulados dessas nações em terras do Islã, onde empregavam toda a sua influência diplomática em favor dos exploradores judeus, para livrá-los das justas represálias dos nativos. Na ampla bibliografia que possuímos sobre este particular, figuram dados que revelam essa generalizada infiltração judaica não apenas nos consulados das potências europeias, mas inclusive até nos da América Latina; a respeito desse último, ilustra-nos o que o filosemita Ángel Pulido, em sua obra “Espanoles sin Patria”, diz no ano de 1905, sobre o que Salomón Levy Sefardita, cônsul da Venezuela em Orã, lhe informou: “Aqui em Orã há cerca de dez mil judeus, mil indígenas e três mil espanhóis, que desde a conquista deste país pela França emigraram do Marrocos”³. Terrível proporção de judeus na população de Orã, se forem certos os dados fornecidos pelo citado cônsul.

Não é de estranhar que os consulados estrangeiros, nessa época difícil para o Islã, tenham servido como escritórios patrocinadores das intrigas do Imperialismo Judaico contra os muçulmanos.

O curioso é que não apenas utilizavam os cônsules das potências europeias contra os muçulmanos, mas também em apoio dessas rixas internas que com frequência surgem no judaísmo. O mesmo autor, referindo-se aos judeus da Palestina, então província otomana, diz: **“III.— Os Bouknhariotas, em número próximo de quinhentos. Estes e os georgianos tentaram muitas vezes, com o apoio do cônsul da Rússia, de onde procedem em sua maioria, subtrair-se à jurisdição do Grão-Rabino e ser completamente autônomos”.**⁴

Refere-se aqui ao Grão-Rabino da Comunidade Judaica Palestina do rito magrebino, dos israelitas originários do Marrocos, ao qual haviam sido

2 Israel Joseph Benjamín II. Obra Citada. Páginas 69 e 70.

3 Ángel Pulido. “Espanhóis sem Pátria”⁴⁴. Edição Madrid. Ano 1905. Página 468.

4 Ángel Pulido. “Espanhóis sem Pátria”. Edição Citada. Página 663.

submetidos, ao que parece contra a sua vontade. Já explicamos que em muitas cidades há comunidades judaicas de ritos distintos e que são autônomas entre si, mas federadas às demais na *Kehillah*, que é o Governo ou Conselho Municipal Judaico em uma nação gentil, ao qual todas estão submetidas e, naturalmente, também sujeitas às mais altas hierarquias do judaísmo. Em geral, as comunidades hebraicas de um município gentil vivem em harmonia, mas algumas vezes surgem entre elas disputas que se tornam acirradas e que, naturalmente, se refletem em divisões surgidas nas organizações gentis revolucionárias que controlam. Então intervêm as autoridades superiores do judaísmo para estabelecer a ordem e restabelecer a unidade e a harmonia.

Outro caso de intervenções europeias a favor dos judeus é narrado pelo filosemita e possível marrano espanhol Ángel Pulido, quando em seu livro *“Españoles sin Patria”*, escrito no ano de 1905, afirma que na Tunísia os judeus indígenas estão sujeitos à jurisprudência árabe e que sofrem em alguns casos, mas que os **“protegidos pelas nações europeias gozam de perfeita igualdade”**.⁵

Triste papel desempenharam as potências europeias, cujos governos dominados ou semidominados pela judeo-maçonaria estiveram servindo de instrumentos cegos ao judaísmo, para obrigar os povos afro-asiáticos a desencadear a besta hebraica e facilitar sua ação de domínio, sem que os verdadeiros cristãos dessas potências se dessem conta do que seus governantes hebreus ou maçons autorizavam sub-repticiamente.

Cumprir notar que os israelitas, com sua proverbial ingratidão, longe de agradecerem a ajuda das monarquias europeias, no momento em que puderam foram derrubando-as uma a uma, começando pela portuguesa, a russa, a austríaca e a alemã, e seguindo com a espanhola e com outras cujas diplomacias tanto ajudaram os hebreus em terras islâmicas.

No que diz respeito à intervenção do judaísmo em facilitar e consolidar a conquista da Índia pelo Imperialismo Britânico, o prestigiado dirigente israelita e escritor da Índia, Haeem S. Kehimker, presidente do “Israelite School Committee” da cidade de Bombaim, em sua obra escrita no século

5 Ángel Pulido. “Espanhóis sem Pátria”. Edição Citada. Páginas 505 a 508.

XIX e intitulada “*A Sketch of the History of Beni-Israel...*”, já citada, fornece dados interessantíssimos de como os referidos judeus radicados na Índia há pelo menos dezesseis séculos ajudaram a Inglaterra, desde o século XVIII, a estender e consolidar sua dominação sobre a Índia, participando como oficiais e comandantes dos regimentos anglo-indianos, que serviram para dominar os patriotas hindus desde as campanhas do ano de 1750 e ao longo de todas aquelas que, durante o século XIX, serviram para esmagar sangrentamente as rebeliões dos patriotas indostânicos, defensores da independência de seu país. Os judeus clandestinos da Índia — hindus em aparência e judeus em segredo — serviram como cães de presa para submeter o povo que, havia tantos séculos, lhes concedera generoso abrigo, atuando como espiões para denunciar as conspirações dos patriotas e como dirigentes da polícia nativa, a serviço dos judeus britânicos na tarefa de consolidar seu domínio sobre esse imenso país. O citado dirigente israelita, em seu chamado de ajuda ao Judaísmo Internacional que aparece em sua obra mencionada, chega a citar nomes de chefes militares — judeus da Índia, Bene-Israeles — que se destacaram por seus valiosos serviços ao serem esmagadas as resistências dos patriotas hindus, com um luxo de detalhes verdadeiramente eloquente, afirmando que os soldados Bene-Israeles eram mais inteligentes como militares do que o restante dos hindus; e que, em todos os regimentos anglo-indianos, havia oficiais Bene-Israeles, os quais ocupavam também lugar de destaque na administração vice-reinal britânica. Faz ainda menção à forma como foram utilizados pelo governo de Londres como oficiais das tropas judaicas em expedições dirigidas contra o Afeganistão, contra a Pérsia e até na famosa expedição contra a Abissínia dos anos de 1867 e 1868.⁶

Talvez esta tenha sido, nos tempos modernos, uma das primeiras intervenções dos criptojudеus indostânicos na África, comandando tropas indianas para favorecer os planos do Judaísmo Mundial, que, naquela época, utilizava os recursos e as qualidades do povo britânico, já dominado pela judeo-maçonomia, como instrumento dócil nas empresas imperialistas

6 Haeem Samuel Kehimker. Presidente do Comité da Escola Israelita de Bombaim, Índia. 'Um esboço da História dos “Beni-Israel” e um apelo por sua educação. Edição Bombaim, impressa na “Education Society's Press”. Páginas 24 a 36.

da nação de Israel, dispersa e infiltrada em todas as demais nações do mundo.

As intervenções britânicas na Etiópia favoreceram a entronização da dinastia de origem salomônico-judaica do atual Negus Haile Selassie, atualmente — segundo afirma a Enciclopédia Judaica Castellana — cercado de conselheiros e técnicos judeus, trazidos da Palestina e de outros lugares⁷, e cujo antepassado de Shoa, após sangrenta guerra civil, tomou o poder graças à ajuda do imperialismo judaico britânico em 1889, adotando o nome de Menelik II. Desde então, os judeus negros falasha, nativos da Abissínia, e a citada dinastia judaica de origem salomônica teriam tiranizado a Etiópia. Cumpre notar que somente neste país e na Grã-Bretanha, onde a monarquia também estaria judaizada, os movimentos republicanos de tipo maçônico que os hebreus teriam organizado em todo o mundo brilham por sua ausência, até que convenha ao judaísmo impulsioná-los, caso algum dia lhe convenha mudar a forma de governo em ambos os países.

Voltando aos militares bene-israelitas da Índia, podemos dizer que, assim como serviram em certo momento para estender e consolidar a dominação judeu-britânica na Índia e em outros lugares da Ásia e da África, agora continuam servindo a Indira Gandhi e ao seu Partido do Congresso, para controlar os exércitos indostânicos e consolidar na Índia o domínio dos judeus aborígenes, atuando novamente como cães de presa com o objetivo de submeter outros povos que lutam por sua verdadeira independência.

Além disso, o temperamento nômade ancestral dos israelitas trouxe como consequência que a seita secreta dos judeus clandestinos bene-israelitas da Índia, assim como as seitas também secretas dos judeus indianos de Cochin, tenham se espalhado por outras nações por meio de uma grande emigração. Isso transformou os israelitas provenientes da Índia em um dos setores mais poderosos do Judaísmo Mundial, depois dos asquenazes e dos sefarditas; os primeiros oriundos da Alemanha e

7 Enciclopédia Judaica Castellana. Edição Citada. Tomo IV, página 232, coluna 2.

os segundos da Espanha e de Portugal, cujas sociedades secretas se encontram disseminadas por todo o mundo.

Os judeus clandestinos indianos invadiram várias nações da Ásia e da África, estabelecendo-se nelas como comerciantes, banqueiros e homens de negócios, onde exploram de diversas formas a população aborígine desses países. Como ocultam sua identidade judaica e dizem ser oriundos da Índia, as pessoas apenas os conhecem como comerciantes indianos, homens de negócios ou banqueiros indianos, sem saber que fazem parte de uma das mais perigosas e exploradoras quintas-colunas de que dispõe o Judaísmo Internacional para dominar os demais povos.

Na África, da mesma forma, eles têm invadido tanto as nações governadas por um governo negro, como Uganda e outras, quanto as nações governadas por um governo branco, como a África do Sul.

Nas nações negras, eles estão se apoderando da riqueza do país e exploram impiedosamente a população negra, obtendo muitos deles passaportes britânicos para contar com a proteção do governo inglês em sua infame tarefa de explorar o povo. Tal como fizeram em outros tempos os judeus de diversos países africanos e asiáticos, que chegaram a adotar as nacionalidades inglesa, francesa e até a espanhola para obter a proteção desses governos, caso a população indígena, cansada de tantas extorsões e de tanta exploração, viesse a reagir contra eles.

No entanto, muitos deles adotaram a nacionalidade do país que exploram, procurando assimilar-se a ele, embora apenas em aparência, pois em segredo são judeus com a máscara original de indianos. Estes são os mais perigosos, pois a nação invadida por essa praga de falsos indianos pode cair na armadilha e pensar que só deve combater aqueles que possuem passaportes estrangeiros, sem considerar perigosos os que adotaram a nacionalidade do país que têm invadido e que são mais nocivos e perigosos do que os de nacionalidade estrangeira, já que se incrustaram como quinta coluna na nação em cujo território habitam e cujo povo exploram vilmente, e tentarão exercer domínio sobre ele, com a ajuda do super-imperialismo de Israel, seja por meio de seus imperialismos satélites

de Moscou, Wall Street ou Londres, ou por meio de qualquer outro poder local ou internacional a seu serviço.

Em alguns países como África do Sul, Guiana e outros, à margem da emigração de judeus clandestinos da Índia, ocorreu também outra emigração de indianos autênticos; porém, enquanto estes últimos são, em sua grande maioria, trabalhadores pobres, os Bene-Israelites clandestinos são, em geral, comerciantes, usurários, homens de negócios e pessoas de boa posição, que, por meio de infiltrações entre os emigrantes indianos autênticos, procuram controlá-los ou já os controlam firmemente, provocando distúrbios e problemas no país que se vê assolado por essa seita secreta judaica, que teria invadido a própria Inglaterra, onde grande parte dos emigrantes da Índia seriam, em segredo, judeus, causando grandes problemas na Grã-Bretanha, cujos governantes israelitas seriam os responsáveis por terem ajudado, em outros tempos, a invasão de muitos países do mundo, sobretudo da África e da Ásia, por essas seitas judaicas que, infelizmente, dominariam atualmente a Índia, devido — como disse anteriormente — ao fato de o governo britânico lhe ter concedido a independência quando o judaísmo britânico pôde deixar o controle da Índia independente a Nehru e ao seu Partido do Congresso, controlado secretamente pelos judeus. No entanto, é preciso esclarecer que há dentro da Índia muitas forças independentes, inclusive dentro do Partido do Congresso, que deveriam ser ajudadas adequadamente para que possam salvar essa enorme nação do jugo dessas terríveis sociedades secretas e de seu principal instrumento atualmente, que é a própria Indira Gandhi.

Entre os episódios interessantes mencionados pelo citado escritor judeu da Índia, Kehimker, está o de um hindu Bene-Israel que se converteu fingidamente ao cristianismo, mas que, segundo Kehimker, continuava sendo judeu em segredo, um tal Michael Sargón⁸. Aqui podemos observar um caso de judeu clandestino da Índia, primeiro coberto pela máscara de hindu, para depois abandonar essa máscara e adotar a de cristão, permanecendo, em todo caso, judeu em segredo. Esse exemplo, como muitos outros, pode ilustrar aos nossos leitores os complicados malabarismos que os hebreus realizariam com conversões fingidas e com

8 Haeem Samuel Kehimker. Obra Citada. Página 21.

seu judaísmo clandestino, mudando a careta exterior conforme lhes convém.

Aqui não se poderia alegar que ele tivesse sido forçado a converter-se ao cristianismo, já que na Índia predomina a religião hinduísta, a qual, aliás, muitos dos Bene-Israel praticam externamente com devoção, observando seu judaísmo no mais absoluto segredo, para assim conseguir permanecer firmemente infiltrados na nação indiana como uma poderosa e feroz quinta coluna e força dominante.

O resultado da dominação britânica no Índia trouxe, como em outros lugares, a derrubada dos antigos dirigentes dessa nação, esmagando suas defesas contra o judaísmo para depois conceder-lhe, de forma tão graciosa quanto suspeita, a independência, após deixar firmemente afiançados no governo Nehru e a camarilha de judeus clandestinos Bene-Israel. Isso foi feito em toda parte onde foi possível, com exceção daqueles casos em que circunstâncias internacionais de força maior obrigaram a juderia britânica a conceder a independência sem poder alcançar o objetivo indicado, pois, de qualquer modo, o que mais interessa atualmente ao Judaísmo Internacional é liquidar o quanto antes o poder da Inglaterra e dos Estados Unidos, para deixar livre o caminho ao Imperialismo Comunista dirigido pelo poder oculto judaico, meta final da grande revolução hebraica dos tempos modernos. Como não conseguiram converter ingleses e norte-americanos ao comunismo judaico, povos acostumados ao bom padrão de vida e às instituições livres, que haviam sido instrumentos úteis ao judaísmo nos tempos da revolução liberal capitalista — a qual varreu todas as defesas que os povos possuíam contra a juderia —, esses países transformaram-se em sérios obstáculos na era da revolução comunista, destinada a conquistar para os israelitas um domínio totalitário, que de modo algum pode ser proporcionado pelo liberalismo capitalista, também criado por eles e que, por esse motivo, agora desejam destruir.

EXORTAÇÃO AOS PAÍSES DA EUROPA PARA INTERVIR NO MARROCOS.

No vasto relatório apresentado pelo citado Chacham ao judaísmo ocidental, ele descreve com as cores mais sombrias a situação dos israelitas no Sultanato do Marrocos em meados do século XIX, solicitando a intervenção, nesse reino, das potências europeias. Entre outras coisas, diz que a opressão dos judeus no Marrocos é pior do que a da Pérsia e que, para distingui-los da população muçulmana, são obrigados a usar uma tez negra.

Vê-se que, em todos os lugares do mundo, os povos ameaçados pela conquista política dos judeus procuravam alertar a população contra eles, distinguindo-os por meio de algum sinal, fosse um gorro de determinada cor, uma vestimenta, um distintivo com a estrela de Israel ou qualquer outra marca, com o objetivo de que as pessoas os reconhecessem e se prevenissem contra sua ação de intriga e subversão. Essas medidas de defesa surgem de um extremo a outro dos mundos cristão e muçulmano e em épocas separadas por vários séculos umas das outras. Já vimos como, na Pérsia, obrigavam as judias a usar um véu negro para distingui-las das mulheres islâmicas e como as hebreias burlaram a medida ao se converterem, com suas famílias, fingidamente ao Islã, o que lhes permitia usar o véu branco para que fossem confundidas com as muçulmanas autênticas.

Voltando a Marrocos, diz Israel Joseph Benjamín que ali a situação dos judeus era terrível, em razão do fanatismo dos árabes e de suas arbitrariedades, expressando o seguinte: **“Se um árabe entra numa casa, o judeu deve falar-lhe com tanta humildade como se se tratasse de um príncipe. Se toma algum objeto de que goste, não deve ouvir-se a menor murmuração, pois, do contrário, o intruso imediatamente lança mão do seu punhal, e não há juízes nem lei para a proteção dos despojados e oprimidos”...** **“Se todas as grandes potências da Europa tentassem opor-se a semelhante barbárie nos lugares próximos à sua**

influência, fariam muito em seu próprio benefício, no da ciência e em favor dos oprimidos”.⁹

Terrível exortação dirigida ao judaísmo ocidental, a quem esse livro é destinado, para que interesse as grandes potências europeias em intervir no Marrocos, apresentando, por um lado, os árabes como selvagens e criminosos e, por outro, sugerindo de maneira sutil, porém hábil, a forma de despertar o interesse das potências europeias em realizar tal intervenção, ressaltando o quanto lucrariam com ela em benefício próprio. A mesma história de sempre!

Quando o heroico Império Visigodo constituía um obstáculo à realização dos planos hebreus, estimularam a ambição de domínio dos muçulmanos e lhes facilitaram a invasão e a conquista. Depois, quando os maometanos quiseram defender-se na Espanha do domínio judaico, os hebreus favoreceram o triunfo dos monarcas cristãos. E quando a Europa, no século XIV, lutava desesperadamente para deter a ação dominadora dos judeus e a atividade subversiva de suas heresias, incitaram os turcos a invadi-la, facilitando suas conquistas por meio das quintas colunas judaicas nos países cristãos. Mais tarde, passou a lhes convir destruir o Império Turco e lançaram contra ele diversas potências europeias, favorecendo ainda o nacionalismo árabe, para posteriormente trair os árabes da forma que é bem conhecida.

Quando, em meados do século XVIII, foram conquistando por dentro as monarquias europeias, alcançando isso em maior escala durante o século XIX, utilizaram-nas para lançá-las contra os países da África e da Ásia, onde os hebreus, em geral, não haviam conseguido fazer nada de efetivo em suas tentativas de conquista interna. As quintas colunas judaicas no seio dos países afro-asiáticos, traindo estes, favoreceram as empresas coloniais dos europeus e aproveitaram seus imperialismos já dominados pelo judaísmo, como o britânico, ou semi-dominados, como o francês e outros, para subjugar muitos Estados da Ásia e da África e conseguir, por diversos meios, que as comunidades israelitas desses países

9 Israel Joseph Benjamín II. Obra Citada. Páginas de 319 a 325.

fossem adquirindo pouco a pouco a força necessária para dominar os povos que lhes haviam concedido abrigo.

Tudo isso foi alcançado em parte com o apoio dos impérios europeus e foi obtido em alguns países, controlando as populações afro-asiáticas com a justa e popular bandeira de sua liberdade e independência, cuja realização não perseguiram nem perseguem sinceramente, mas apenas com o objetivo exclusivo de se converterem em heróis nacionais e caudilhos da independência que, uma vez alcançada, possa torná-los senhores absolutos dos países libertados do jugo europeu, como ocorreu com pleno êxito na Índia e em outros lugares. A intenção é que, à medida que as antigas colônias vão se tornando independentes das potências ocidentais, passem a cair nas garras dos hebreus aborígenes ou do imperialismo judaico absoluto e totalitário do comunismo, agora dirigido pelos judeus do Kremlin.

Por fortuna, em muitos países da África e da Ásia esse plano de suposta libertação das colônias fracassou, e não conseguiram impedir que autênticos heróis da independência tomassem o poder ao consumir-se esta. Em outros casos, tendo deixado no poder os agentes judeus do governo britânico, fossem judeus clandestinos aborígenes ou agentes dos israelitas do Kremlin, um golpe militar patriótico varreu a tempo os falsos redentores, estabelecendo um governo genuinamente patriótico na colônia libertada, em meio aos uivos da imprensa judaica mundial contra o golpe militar, que na realidade havia privado o judaísmo de um de seus domínios.

Contra toda a nossa vontade tivemos de citar apenas alguns exemplos de como o Imperialismo Judeu empregou como satélites os imperialismos europeus na conquista de países da África e da Ásia. Infelizmente o público não lê livros volumosos, e aumentar o volume deste é condená-lo a que muito poucas pessoas o leiam. Mas exortamos os pesquisadores a aprofundarem esta matéria e estamos seguros de que comprovarão a existência da participação decisiva judaica na maior parte das intervenções e conquistas dos imperialismos holandês, britânico e francês na África e na Ásia, desde as famosas Companhias das Índias Orientais e as Companhias

das Índias Ocidentais, criadas na Holanda principalmente com capital judeu, para explorar economicamente as colônias do Império Holandês, até a forma como outras Companhias das Índias, criadas na Inglaterra, e outros monopólios capitalistas israelitas da Inglaterra e da França exploraram as conquistas inglesas e francesas, principalmente em benefício do imperialismo judeu capitalista dos monopólios, que em secreto conluio, no século atual, com o imperialismo judeu comunista de Moscou, impulsionaram a liquidação dos impérios holandês, inglês e francês, quando isso convinha aos interesses supremos do Imperialismo Israelita, para substituir um tipo de domínio parcial e incompleto — o do capitalismo democrático — por outro completo e absoluto — o do comunismo totalitário — dirigido em segredo pelo Imperialismo Judaico, utilizando como agentes de domínio nas colônias supostamente libertadas as comunidades israelitas clandestinas radicadas há séculos nesses países.

Nas antigas colônias europeias da Ásia e da África, que atualmente são países independentes, trava-se de uma luta surda e feroz entre as sociedades supersecretas do judaísmo clandestino radicado nesses países há séculos e os dirigentes gentios, civis e principalmente militares dessas nações, que querem defender de fato a sua independência e construir a sua prosperidade, enquanto os falsos patriotas judeus clandestinos lutam para submeter esses países ao jugo do imperialismo judeu comunista dirigido a partir de Moscou. A gravidade da situação reside em que, enquanto a minoria judaica clandestina conhece muito bem o inimigo que enfrenta e até consegue infiltrar em suas fileiras espiões e sabotadores que o traíam, os patriotas dessas nações afro-asiáticas desconhecem a natureza do inimigo oculto, que dirige todos os movimentos comunistas e socialistas, apoiados pelos judeus dirigentes da União Soviética e, às vezes, até pelo paranoico tirano marrano que escraviza o infeliz povo cubano. Enquanto esses heroicos patriotas afro-asiáticos não conseguirem descobrir e destruir a força secreta por trás da subversão, extirpando até a raiz as comunidades israelitas clandestinas que a constituem, jamais poderão viver em paz e prosperidade e acabarão, uma após outra, por cair nas garras do imperialismo totalitário judeu comunista, que as submeterá à escravidão,

como já mantém submetidos os infelizes povos da União Soviética, da Europa Oriental e de Cuba.

O mais grave para as nações da África e da Ásia e, em geral, para os povos subdesenvolvidos, incluindo os da América Latina, reside no fato de que o Imperialismo Judeu Racista os mantém comprimidos e estrangulados por uma tenaz; um de cujos braços é o Imperialismo Judeu capitalista dos Monopólios Internacionais; e o outro braço é o do Imperialismo Judeu comunista, dirigido por ora desde Moscou. O superimperialismo mundial judeu opera os dois braços dessa tenaz da seguinte maneira:

I.— A tenaz judeu-capitalista, por meio das empresas transnacionais, da banca judaica e dos monopólios judeus do comércio internacional, compra a preço muito baixo as matérias-primas das nações subdesenvolvidas e lhes vende produtos industriais e tecnologia a preço muito elevado, provocando seu empobrecimento crescente. Essa exploração desumana do homem pelo homem enriquece os proprietários judeus desses monopólios exploradores.

II.— A exploração acima mencionada, e o empobrecimento progressivo das nações em desenvolvimento —ou subdesenvolvidas— serve aos judeus que dirigem o comunismo israelita como bandeira para sublevar os povos oprimidos contra tal exploração, facilitando-lhes o controle das massas “populares” e a possibilidade de conduzi-las à revolução socialista marxista e à implantação da falsa ditadura do proletariado, que seria, como na União Soviética, uma ditadura judaica sobre o povo e sua consequente escravização.

Essa exploração dos países em desenvolvimento e outros abusos e crimes do imperialismo judaico “capitalista” encham de “justa indignação” muitos governantes nacionalistas gentios, que, ao receberem manifestações de apoio contra o imperialismo capitalista por parte das ditaduras judaico-comunistas, caem com frequência nessa hábil armadilha, chegando a acreditar que, para salvar suas nações das garras do imperialismo capitalista, não resta outro meio eficaz senão aliar-se às ditaduras socialistas marxistas para combater o inimigo comum; sem saber que a

União Soviética e seus estados satélites, incluindo Cuba, por um lado, e o imperialismo judaico capitalista e suas agências nos Estados Unidos e na Inglaterra, por outro lado, são apenas peões de um mesmo superimperialismo secreto, que usa essa manobra para fazer com que os governantes nacionalistas que caem na armadilha comecem a destruir barreiras e instituições defensivas, ou a ditar medidas que também facilitem os progressos da revolução judaico-comunista em outras nações, e às vezes até em seu próprio país; sem perceber que, com essas e outras medidas, produto de sua amizade com os soviéticos ou seus satélites, estão incrementando a força mundial e local do imperialismo judaico-comunista, que conduz os povos a um estado tal de opressão e escravidão do qual já não podem, por seus próprios meios, se libertar.

Esses governantes nacionalistas devem ter em conta que apenas a China maoísta, a Albânia e a Romênia, no campo das ditaduras socialistas, são os únicos regimes que, ao menos neste momento, permanecem independentes de ambos os nefastos imperialismos e que também podem ser conquistados por eles.

O judaísmo, controlando os dois braços da tenaz que acabamos de descrever, sai sempre ganhando.

Salta aos olhos que a única saída que os povos subdesenvolvidos têm para se libertar da terrível tenaz que os oprime é unir-se poderosamente, de modo a defender eficazmente seus interesses frente aos dois imperialismos: o capitalista e o comunista, sendo este último dirigido desde o Kremlin. Mas o judaísmo, que já possui uma experiência secular, tomou providências para levar ao fracasso essa possível solução por meio de seu método tradicional de infiltração em todos os campos, especialmente naqueles que possam formar ou já formem seus potenciais adversários. E assim vemos o imperador judeu da Etiópia, Haile Selassie, controlando a Organização da Unidade Africana e conduzindo-a praticamente ao fracasso, bem como exercendo influência nefasta sobre o governo da Índia, dirigido pelo judaísmo infiltrado, afetando o chamado Terceiro Mundo.

E ao judeu Josip Broz, conhecido como Tito, ditador da Iugoslávia, exercendo o mesmo papel de controle nesse chamado Terceiro Mundo, e outros do mesmo tipo. Por isso, os governos nacionais, independentes dos imperialismos capitalista e comunista, não poderão integrar verdadeiros organismos defensivos enquanto não expulsarem de suas organizações os governos nelas infiltrados e que estão a serviço do Imperialismo Judaico do qual, por sua vez, dependem: o imperialismo judeu capitalista e o imperialismo israelita do Kremlin. É do domínio e da exploração de ambos — tanto do primeiro quanto do segundo — que os povos subdesenvolvidos do mundo devem se libertar, se quiserem sair de sua atual pobreza e miséria.